

XIENAPOL

Boletín hacia el XI ENAPOL

Ap**ERTURA** #5

Boletim rumo ao XI ENAPOL

- José Fernando Velásquez
- Andrea Zelaya
- Louise Lhullier

RUBRICA 1 TRANSFERÊNCIA



Começar a se analisar - A transferência

José Fernando Velásquez - NELcf

A transferência não se apoia somente no deciframento de sentido pelo fato de colocar em jogo a vontade de gozo sobre

aquele a quem alguém se dirige¹. O substrato transferencial é a libido em direção ao saber freudiano referido à ordem do Pai. A psicanálise lacaniana, contudo, irá ressaltar o gozo da Coisa que perdura apesar do trabalho do sujeito em se assumir e se encaixar no Outro ou fazer o outro se encaixar. A pulsão sob transferência desdiz a suposta linearidade, intencionalidade e adequação entre o sujeito e o analista. A libido lacaniana² que é a “deriva” do sujeito na dimensão real, pulsional, também se fará presente sob transferência. A tarefa do analista está compelida por esses outros tipos de gozos. A extimidade do pulsional sob transferência é outra presença, diferente daquela da significação do falo, à qual o analista deve estar atento, não como receptor de sentido, mas como superfície de inscrição.

É uma questão das peças na dimensão real –o objeto, a imagem e o S_1 sozinho–, fazer dizer para além do inconsciente transferencial, por se tratar dos gozos ancorados em peças que rechaçam a *aufhebung* significante³. Isso que fala não é traduzível porque é “exterior à máquina significante que produz sentido”⁴. “Isso fala”⁵ no seu monólogo de gozo sujo, sem o Outro, pois nesse nível não há metalinguagem, não há relação *linguagreira* com o outro. Isso, que fala como fuga de sentido, ocorre de

¹ Laurent, E., “Princípios diretores do ato analítico”, *Sociedade do sintoma*, Rio de Janeiro, contracapa, 2007.

² Zaidel, R., “Punto Vivo” do Seminário do Campo Freudiano de Barcelona, abril de 2013. Resenha da apresentação de Jean-Louis Gault sobre o escrito de Lacan “Posição do inconsciente”, no SCFB de abril de 2013. Disponível online em: <https://www.scb-icf.net/nodus/contingut/article.php?art=487&rev=59&pub=0>

³ Miller, J.-A., “Introdução à leitura do Seminário da *Angústia* de Jacques Lacan”, *Opção Lacaniana* n° 43, maio/2005, partes I e II.

⁴ Miller, J.-A., “O inconsciente real”, *Opção Lacaniana Online* n° 4, primeira lição do Curso de orientação lacaniana III, 9 (2006-2007).

⁵ Lacan, J., “Rumo a um significante novo”, *Opção Lacaniana* n° 22, São Paulo, Eolia, ago. 1998, p. 10.

modo contingente⁶, surpreende e é cifrável como um traço que bordeia um furo onde o Nome do Pai fracassa, que se lê como letra, significante sem significado, imagem sem ideal, gozo do objeto sem sentido. Esses gozos não são separáveis do ser porque são o que o constituem como Um.

Inscrevemos o sujeito na regra da associação livre para fazer surgir, sob transferência, o inconsciente real que aparece como acontecimento ou tropeço, com uma temporalidade pulsátil de abertura e fechamento⁷. O ato falho, o chiste, o sonho são expressões da *une-bévue*, a “Uma equivocação”, uma microunidade⁸ do psiquismo que se impõe como soldagem ou fixação:

- Como um significante S_1 que se localiza separado do saber que é efeito da adição do S_2 ao S_1 , mas que dá a unidade ao sentir e ao gozar do corpo.
- Como um real pulsional que singulariza e anula o Outro do sentido. “O objeto pulsional que responde ao princípio do prazer, em um momento dado, se transforma em algo que vai muito além”⁹.
- Como imagem real que estava recoberta sob o abrigo da fantasia.

Algo disso que se desprende como acontecimento, se enoda ao analista, que o capta e faz essa peça ressoar, produzindo, assim, uma vacilação fantasmática que perturba a fórmula do sujeito com o objeto. É desse modo que a transferência se reorienta rumo à experiência do real, ao gozo que não se coletiviza. O analista pode presentificá-lo para que o analisante o perceba e se reconheça nisso “que sabe” de forma impessoal¹⁰. Os recursos são o corte, o equívoco ou um ato que o produza.

Tradução: Bruna Guaraná.

Revisão: Paola Salinas e Renata Martinez.

⁶ Miller, J.-A., “[...] nem acordo nem harmonia, nenhuma programação, nada preestabelecido: tudo fica entregue ao acaso, ao que se chama, em lógica modal, a contingência.”, *Seminário 19, ...ou pior*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2012, contracapa.

⁷ Lacan, J., (1964) *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985. p. 30.

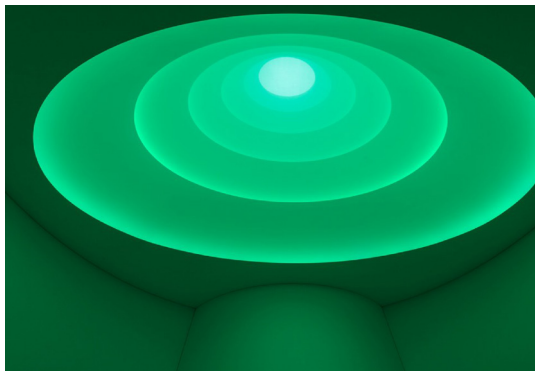
⁸ Miller, J.-A., (2006-2007) *El ultimísimo Lacan*, Buenos Aires, Paidós, 2013, p. 253.

⁹ Laurent, E., “Los objetos a”, Conferência na Biblioteca Nacional, Parte II, Buenos Aires, 2007. Recuperado em: <http://psicoanalisislacaniano.blogspot.com/2007/07/los-objetos-eric-laurent-en-la.html> 10

¹⁰ Miller, J.-A., “O inconsciente real”, *Opção Lacaniana online* nº 4, primeira lição do Curso de orientação lacaniana III, 9 (2006-2007).

RUBRICA 2

TEMPO/TEMPORALIDADE



“Analisar-se”: uma temporalidade singular

Andrea V. Zelaya - EOL

O tema do XI ENAPOL é uma aposta da orientação lacaniana, lida e interpretada por J.-A. Miller e nos torna responsáveis

por elucidar como “o elemento-tempo é uma dimensão constitutiva da ordem da palavra”¹, na qual se situa o valor desta como motor da transferência nas coordenadas do começo e do percurso de uma análise.

Ir ao consultório de um analista, deslocar-se até lá, repetir essa sequência, associar livremente ao ser permeável ao convite do dispositivo, fazer um trabalho significativo, querer deixar para trás o sofrimento, não são os únicos princípios através dos quais se atravessa uma experiência analítica.

O reflexivo do título: “se analisar” implica também um consentimento que, ao chegar o momento, implicará atravessar a fantasia como modo de responder ao programa pulsional.

Trata-se de assumir e levar em conta, tal como Lacan enunciou, “entre os componentes primários da transferência - a ignorância enquanto paixão. [...]. Nenhuma entrada possível na análise sem essa referência - não se diz isso nunca, não se pensa nisso nunca, quando ela é fundamental”².

Efeitos de uma supervisão

Um sujeito, depois de anos de trabalho analítico, consegue isolar um significativo, “clausura”, que emerge pela interpretação do analista.

A partir daí, reordenam-se e chamam a atenção os deciframentos e significações daquilo que teceu sua vida, outorga-lhe valor de trauma inaugural e elucida o campo

¹ Lacan, J., (1953-1954) *O seminário, livro 1, Os escritos técnicos de Freud*, capítulo XIX: “A função criativa da palavra”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2009, p. 316.

² *Ibid.*, p. 353.

pulsional implicado em seu sintoma. É indubitável para o analisante que há outro modo de saber ler e renova sua disponibilidade a “se analisar” pela abertura de uma via contingente e por vir.

Trata-se de ler o que já estava lá, porém de outra maneira para que a alienação à devastação materna não enclausure seu corpo. Houve um novo começo. É possível estar muito tempo em análise e também recomeçá-la.

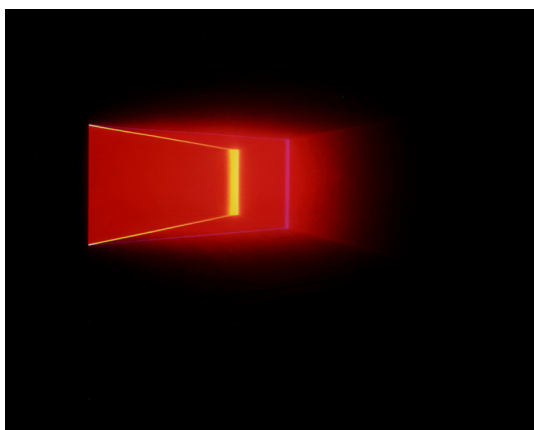
Localiza-se o início de um momento diferente do trajeto da análise, iniciado pela surpresa que precipitou esta experiência.

No XI ENAPOL, teremos a oportunidade de debater e nos perguntar sobre o que implica começar a se analisar na relação que cada sujeito tem com a causa de seu sofrimento, em suas condições pulsionais, assim como também em sua relação com a causa analítica, com a prática dos analistas em sua própria experiência de analisantes na Escola.

Tradução: Daniela Nunes Araujo.
Revisão: Ruth Jeunon.

RUBRICA 3

PERSPECTIVA DO SINTOMA



Ser nada para o outro

Louise Lhullier - EBP

A pandemia e seus efeitos vieram potencializar as profundas mudanças observadas na ordem simbólica, no campo do imaginário e no registro do real que fizeram emergir um mundo novo nesse século XXI, criando novos impasses

na civilização e incidindo sobre a prática da psicanálise. Após o *aggiornamento* promovido por iniciativas tais como o programa de pesquisa sobre as psicoses ordinárias introduzido por Miller na década de 1990, pelos Congressos da AMP em 2012, 2014 e 2016¹, somos convocados, mais uma vez, a atualizar nossa práxis.

¹ Miller, J.-A., “Um real para o século XXI”, Apresentação do tema do IX Congresso da AMP, Disponível em: https://www.congresamp2014.com/pt/template.php?file=Textos/Presentation-du-theme_Jacques-Alain-Miller.html. Último acesso em 8/4/2023.

O Argumento do XI ENAPOL interroga sobre as mudanças no início das análises, “nos últimos anos”, apontando algo que se constata facilmente: os sujeitos que nos procuram, hoje, são diferentes daqueles da época de Freud ou mesmo de Lacan. Que diferenças são essas?

Penso que, como afirmou Brousse, “com a fragmentação, a evaporação, o frágil que se tornou a instância da autoridade simbólica [...] estamos todos na ordem da psicose”². Nessa perspectiva, a organização psicótica seria o “novo normal”, já que estamos “todos loucos”, pois o Nome do Pai perdeu seu valor na ordem simbólica e os múltiplos predicados que funcionam “como se”³ não cumprem a função de amarração dos três registros –real, simbólico e imaginário– da mesma forma. Podem funcionar até muito bem neste novo mundo, mas não como o Nome do Pai, nome próprio, singular.

Bassols⁴ também tratou da queda da autoridade simbólica e de seus efeitos sobre a civilização em uma conferência recente. Ele cita Kojève ao relacionar a degradação da autoridade com a ascensão do autoritarismo e da servidão voluntária que o viabiliza. Os sujeitos contemporâneos já não reconhecem a autoridade, inclusive a epistêmica, e a informação se sobrepõe ao saber. Consequentemente, a suposição de um saber no analista já não tem o mesmo valor como suporte da transferência.

“Eu era nada para ele”. Foi assim que uma analista respondeu à pergunta que lhe dirigiu uma colega de cartel sobre a transferência no período anterior à entrada em análise de um sujeito que, durante muitos meses, pouco falava, nada associava e chorava muito. Durante esse tempo que se alongava, a analista suportou o lugar de *nada* e aguardou, renunciando ao exercício de um poder⁵, e a tentar ser alguém para esse sujeito. Assim, uma análise pôde se desencadear. Me parece que este exemplo ilustra bem o que Bassols aponta como uma nova forma de autoridade, própria do discurso analítico, relacionada ao autorizar-se⁶ e orientadora quanto à posição do analista, desde o primeiro encontro, inclusive nestes tempos de “todos loucos”: ser nada para o outro e falar com a voz de ninguém⁷.

² Brousse, M.-H., “Malestar en la cultura em el siglo XXI; los Unos-solos y la orientación contemporánea por la dimensión de lo posible”, Conferência ministrada em 26 de nov. de 2021, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CuStd-0MSh34>. Último acesso em 05/04/2023.

³ Miller, J.-A., *op. cit.*, pp. 11-12.

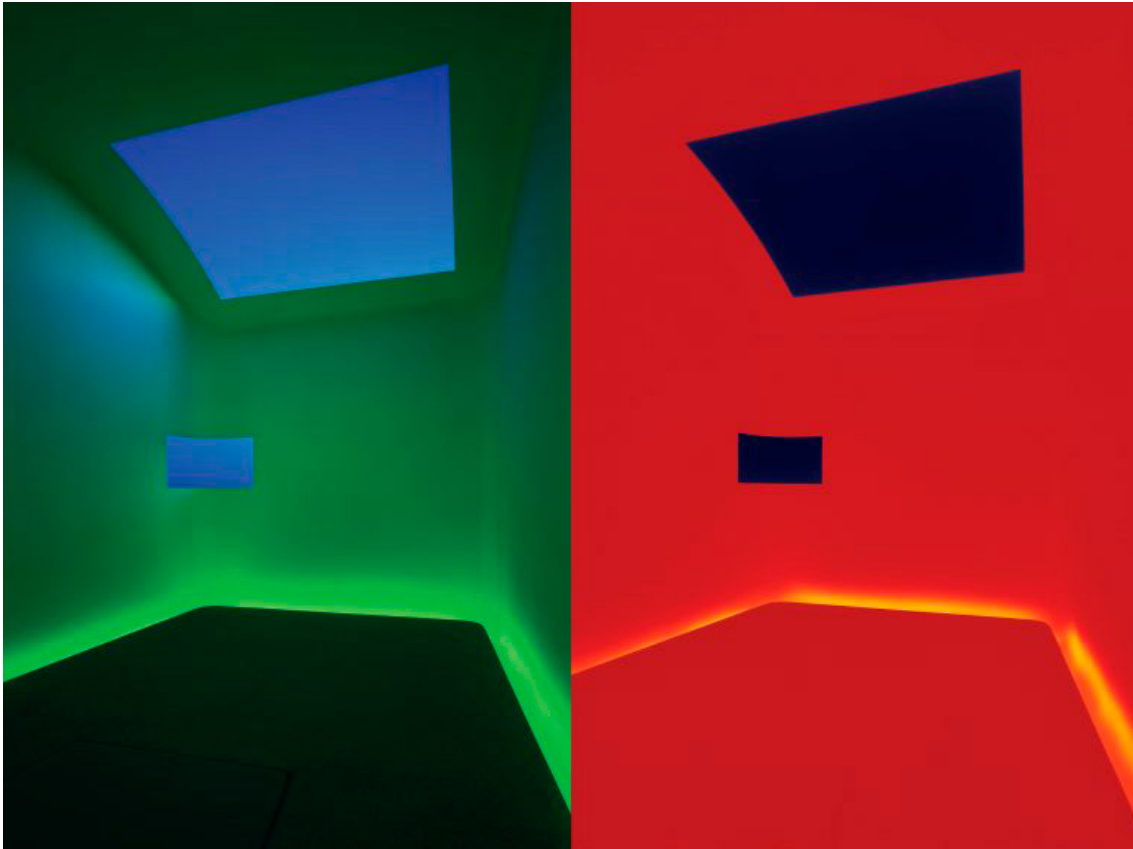
⁴ Bassols, M., “Autoridad y autoritarismo: la experiencia de la psicoanálisis”, Conferência no Seminário del Campo Freudiano da Sección clínica de Madrid [NUCEP], publicado em 7 de julho de 2022, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MrSZJ_psc3o&t=3421s. Último acesso em 7/4/2023.

⁵ Lacan, J., “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 592.

⁶ Bassols, M., “Autoridad y autoritarismo: la experiencia de la psicoanálisis”, *op. cit.*

⁷ Araceli Fuentes traz essa referência a Eric Laurent sobre a voz do analista como a voz de ninguém, aos 59’ do vídeo da conferência de Bassols, *op. cit.*

VARIACIONES

**freud**

“Esse primeiro relato se compara a um rio não navegável cujo leito é ora bloqueado por massas rochosas, ora dividido entre baixios e bancos de areia”.

Freud, S., (1905 [1901]) “Fragmento da análise de um caso de histeria”
Obras completas, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27.

“Entra-se na análise por uma porta enigmática, porque a neurose de transferência está aí em todo o mundo, mesmo num ser tão livre quanto Alcibíades”.

Lacan, J., (1962-1963) *O seminário, livro 10: A angústia*,
Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 307.

lacan

Tanto a imagem da capa quanto as imagens do interior correspondem a fotografias da obra do artista contemporâneo americano James Archie Turree. Ele trabalha principalmente com a luz e o espaço dentro da corrente da Land Art